



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURA**

ALANNYA KAROLL DA SILVA MAIA

***INSTAGRAM E A REPRESENTAÇÃO DA BRANQUITUDE: UMA ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO E DAS RELAÇÕES DE PODER***

**PATU-RN
2025**

ALANNYA KAROLL DA SILVA MAIA

**INSTAGRAM E A REPRESENTAÇÃO DA BRANQUITUDE: UMA ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO E DAS RELAÇÕES DE PODER**

Artigo científico apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu - CAP, Departamento de Letras Vernáculas - DLV, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduação em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Anikele Frutuoso

Linha de Pesquisa: Análise Crítica do Discurso.

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M217i Maia, Alannya Karoll da Silva
 Instagram e a representação da branquitude: Uma
 análise crítica do discurso e das representações de poder.
 / Alannya Karoll da Silva Maia. - Patu/RN, 2025.
 24p.

Orientador(a): Profa. Dra. Anikele Frutuoso.
 Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação
 em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Branquitude. 2. Análise Crítica do Discurso. 3.
Instagram. 4. Relações de poder. 5. Representações
sociais. I. Frutuoso, Anikele. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ALANNYA KAROLL DA SILVA MAIA

**INSTAGRAM E A REPRESENTAÇÃO DA BRANQUITUDE: UMA ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO E DAS RELAÇÕES DE PODER**

Artigo científico apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu - CAP, Departamento de Letras Vernáculas - DLV, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduação em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovado em: 28/11/2025

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

ANIKELE FRUTUOSO

Data: 12/12/2025 21:52:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Anikele Frutuoso - (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

A handwritten signature in black ink, reading 'Aline Almeida Inhoti'.

Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN



Documento assinado digitalmente

CARLA DANIELE SARAIVA BERTULEZA

Data: 13/12/2025 15:24:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Carla Daniele Saraiva Bertuleza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

O discurso, entendido como prática social, não apenas reflete, mas também reproduz relações de poder. Nesse sentido, a branquitude pode ser compreendida como um lugar de privilégio que se mantém justamente por meio dessas práticas discursivas cotidianas. Ao naturalizar valores, perspectivas e experiências brancas como universais, o discurso contribui para legitimar a posição dominante da branquitude e invisibilizar outras vozes. Assim, discurso e branquitude se articulam na medida em que o primeiro funciona como mecanismo de sustentação do privilégio racial, reforçando desigualdades e hierarquias sociais. Este trabalho tem como objetivo analisar a naturalização da branquitude e as dinâmicas de poder nos discursos reproduzidos pela página *Preta Ilustre*. A pesquisa adota a Análise Crítica do Discurso (ACD), com base em Fairclough (2001), Van Dijk (2008) e Wodak (2004), articulando-se às discussões sobre branquitude desenvolvidas por Cida Bento (2022), Schucman (2012) e Conceição (2020), e as reflexões sobre letramento digital propostas por Moreira (2012) e Xavier (2011). O *corpus* é composto por 5 postagens de tirinhas da página *Preta Ilustre*, selecionadas por sua relevância temática e analisadas a partir do nível da prática social, com foco na forma como a branquitude se manifesta de modo implícito nas interações e representações. A abordagem qualitativa permitiu interpretar os sentidos ideológicos e as relações de poder presentes no discurso, considerando o contexto social das produções. A análise evidencia que, embora o discurso antirracista esteja presente nas publicações, a branquitude continua sendo centralizada como referência de poder simbólico, revelando uma estrutura social que ainda privilegia corpos e narrativas brancas. Por fim, o estudo contribui para a reflexão sobre a manutenção e a naturalização dos privilégios raciais nas mídias digitais, bem como para a importância de discursos que questionam e desestabilizam essas hierarquias.

Palavras-chave: Branquitude; Instagram; Análise Crítica do Discurso; relações de poder; representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma era em que as redes sociais, particularmente o *Instagram*, desempenham um papel central na construção de identidades e na disseminação de narrativas culturais. O *Instagram* influencia a forma como nos percebemos e nos relacionamos com o mundo. Ao compartilhar imagens, histórias e opiniões, moldamos tanto a maneira como nos apresentamos quanto como somos percebidos. Dessa forma, as redes sociais se tornaram não apenas espaços de comunicação, mas também arenas onde se disputam valores, crenças e representações culturais, ao refletir as crenças e contradições, essas que se manifestam quando a sociedade afirma valorizar a pluralidade, mas mantém estruturas que centralizam a experiência branca como universal e neutra.

Dentro desse contexto, a branquitude se manifesta frequentemente como norma porque ocupa um lugar simbólico de referência, pois tudo o que é considerado “neutro”, “correto” ou “desejável” na sociedade costuma ser definido a partir de valores brancos, essa naturalização faz com que a branquitude não precise se nomear, ao contrário da negritude, que é constantemente marcada e questionada por movimentos negros, porque são esses sujeitos que vivenciam os efeitos do racismo e percebem as desigualdades que a branquitude produz. Embora o questionamento venha, em grande parte, de pessoas negras, quem deveria questionar a branquitude são as próprias pessoas brancas. Então, essa plataforma não apenas reproduz, mas também amplia dinâmicas de poder presentes na sociedade, reforçando padrões de exclusão e silenciamento de vozes marginalizadas. Essas vozes correspondem, sobretudo, às vozes negras, indígenas, periféricas, femininas e entre outras.

A branquitude, segundo Cida Bento (2022), seria “um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” e perpetuar a exclusão de pessoas negras. Esse pacto perpetua desigualdades ao apresentar a branquitude como um padrão neutro e universal, invisibilizando outras identidades e experiências.

Nesse cenário, a página *Preta Ilustre*, perfil do Instagram criado e administrado por uma mulher negra, configura-se como um espaço de produção discursiva que utiliza a ilustração e as tirinhas para problematizar representações raciais e afirmar narrativas positivas sobre a negritude, especialmente no que diz respeito à infância negra, pois a página apresenta essa infância como eixo central de suas narrativas na ilustração de livros infantis. As publicações da página articulam como forma de resistência aos discursos hegemônicos, historicamente marcados pela centralidade da branquitude.

Estudar a branquitude no *Instagram* é importante para compreender como os discursos e as estéticas hegemônicas são perpetuados e como essas dinâmicas podem ser desafiadas. Assim, utilizando a análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Norman Fairclough, que permite compreender como essas dinâmicas discursivas operam na interface entre linguagem, poder e mudança social, evidenciando os mecanismos pelos quais a branquitude se mantém como referencial dominante.

O recorte temporal abrange 5 postagens de tirinhas realizadas entre 2020 a 2022 que corresponde a um momento de acentuada polarização política e social no Brasil, marcado pela pandemia da Covid-19 e pela condução do governo de Jair Bolsonaro. A crise sanitária expôs de forma contundente o racismo estrutural, já que

populações negras e indígenas foram desproporcionalmente afetadas pela falta de acesso a serviços de saúde e pela precarização das condições de vida.

Paralelamente, houve um desmonte ativo e simbólico de políticas públicas voltadas para igualdade racial, mulheres e LGBTQIA+, caracterizado por cortes orçamentários, mudanças institucionais e discursos que deslegitimavam tais pautas. Esse processo foi acompanhado por manifestações racistas de figuras ligadas ao governo, que reforçaram estereótipos e naturalizaram preconceitos no espaço público. Esse período é compreendido como parte de uma crise democrática, em que o racismo deixou de ser apenas uma questão estrutural e passou a ser explicitamente respaldado por setores do poder político.

Com isso, este trabalho se debruça sobre a seguinte problemática: Como a naturalização da branquitude nas postagens do *Instagram*, reproduz dinâmicas de poder e exclusão por meio de discursos que reforçam hierarquias raciais?

Diante disso, é por meio dos estudos da ACD que buscaremos responder os seguintes questionamentos: De que maneira os conteúdos da página *Preta Ilustre* questionam a centralidade da branquitude e promovem novas narrativas discursivas na plataforma? Quais as relações de poder empreendidas nos discursos presentes nas tirinhas da página *Preta Ilustre*?

O objetivo geral do presente trabalho trata-se assim, de analisar a naturalização da branquitude e as dinâmicas de poder nos discursos reproduzidos pela página *Preta Ilustre*. Como objetivos específicos contemplamos a identificar os discursos que contribuem para a manutenção da branquitude como norma no *Instagram* na página *Preta Ilustre*, considerando as relações entre linguagem, ideologia e poder; Investigar a construção dos discursos e a reprodução de hierarquias raciais no nível da prática social. Compreender como a página *Preta Ilustre* utiliza estratégias discursivas para resistir e ressignificar normas raciais no *Instagram*.

A escolha de abordar a análise da branquitude no *Instagram* reflete a busca por compreender e expor como os privilégios raciais se manifestam em espaços digitais amplamente utilizados na sociedade. Reconheço que a branquitude, enquanto um pacto social e histórico, contribui para perpetuar desigualdades e marginalizações que precisam ser urgentemente desconstruídas.

A página *Preta Ilustre* representa um espaço de resistência e ressignificação ao propor novas formas de representação que confrontam a centralidade da branquitude. Estudar esse processo possibilita compreender estratégias discursivas que tensionam padrões estabelecidos e ampliam a diversidade na esfera digital. Além disso, a pesquisa contribui para discussões sobre o impacto das redes sociais na construção de narrativas mais inclusivas e na desconstrução de discursos normativos, pois a análise da branquitude, embora já debatida em diversos contextos, ganha um novo espaço e relevância ao ser aplicada ao *Instagram*, uma plataforma que molda interações sociais e culturais de forma dinâmica.

A relevância deste estudo também reside no momento histórico analisado, marcado por eventos que intensificaram os debates globais sobre racismo e desigualdade, como o fortalecimento do movimento *Black Lives Matter*. Assim, a pesquisa não apenas preenche uma lacuna teórica na análise da branquitude no ambiente digital, como também fornece subsídios práticos para a criação de conteúdos mais inclusivos e transformadores nas redes sociais.

Portanto, para embasamento teórico desta pesquisa, teremos como norte a ACD, compreendida a partir das contribuições de Fairclough (2001), Van Dijk (2008) e Wodak (2004) que entendem o discurso como uma prática social relacionada a

estruturas de poder e ideologia. A perspectiva de Cida Bento (2022) é fundamental para discutir a branquitude como lugar de privilégio e manutenção das hierarquias raciais. Já Schucman (2012) e Conceição (2020) contribuem com reflexões sobre os processos de construção da identidade branca e suas implicações nas relações raciais brasileiras. Por fim, para tratar do letramento digital, adotamos as contribuições de Moreira (2012) e Xavier (2011), que abordam o uso crítico das tecnologias e os modos de produção de sentido no ambiente digital.

Dessa forma, os resultados revelam como a branquitude se sustenta por meio de mecanismos sutis de manutenção da hierarquia racial, mesmo em contextos que se apresentam como críticos ao racismo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, pois buscamos compreender a construção de sentido em textos produzidos por meio das postagens da página *Preta Ilustre*, especialmente aquelas que dizem respeito à construção da branquitude e as estratégias discursivas de resistência.

De acordo com a autora Minayo (2007), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado.” (Minayo, 2007, p. 21). Assim, a abordagem qualitativa permite interpretar os sentidos dos discursos em seu contexto social, com foco na fundamentação da ACD conforme proposta por Norman Fairclough (2001).

A opção pela ACD justifica-se pela sua relevância para compreender os modos como a linguagem atua na construção e na manutenção das relações de poder. Essa perspectiva teórico-metodológica, proposta por Norman Fairclough, considera o discurso como uma prática social, isto é, como um espaço em que se manifestam ideologias, identidades e disputas simbólicas. No contexto desta pesquisa, a ACD mostra-se especialmente adequada, pois permite analisar como os discursos presentes nas tirinhas da página *Preta Ilustre* constroem, questionam e ressignificam sentidos sobre a branquitude, evidenciando as estratégias discursivas que sustentam ou desafiam a sua posição hegemônica.

Quanto aos objetivos, trata de uma pesquisa exploratória e explicativa. De acordo com Rampazzo (2013), a pesquisa exploratória visa abordar fenômenos ainda pouco discutidos no meio acadêmico, como é o caso da branquitude no *Instagram*. Já a pesquisa explicativa busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, isso além da descrição para compreender causas, consequências e mecanismos envolvidos.

A análise dos conteúdos foi conduzida por meio da ACD, conforme proposta de Norman Fairclough (2001), que permite interpretar criticamente os discursos, considerando os aspectos linguísticos e sociais envolvidos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Análise Crítica do Discurso: Linguagem, poder e mudança social

A ACD, conforme proposta por Norman Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social* (2001), é uma abordagem que compreende a linguagem como uma prática social.

Nessa perspectiva, o foco desta pesquisa recai sobre as práticas discursivas,

entendidas como formas de ação social nas quais o discurso participa da (re)produção de significados e de relações de poder. Assim, mais do que descrever aspectos textuais, busca-se compreender como essas práticas estão imbricadas em estruturas sociais amplas, atravessadas por ideologias e sistemas de dominação.

Fairclough argumenta que o discurso não apenas reflete a realidade social, mas também a constitui e a transforma. Segundo Fairclough (2001):

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (Fairclough, 2001, p. 91).

Norman Fairclough (2001) enfatiza a relação dialética entre discurso e sociedade. O discurso não é neutro nem isolado: ele atua sobre a estrutura social, mas também é condicionado por ela. Ou seja, as práticas discursivas que para o autor seriam formas de interação, na concepção de *'texto e interação'* especificam a natureza dos processos de produção e interpretação textual. Essas práticas ajudam a reproduzir ou transformar normas, valores, instituições e relações sociais.

Fairclough (2001) destaca que o discurso não apenas reflete a realidade, mas produz sentidos sobre ela, constituindo-a de forma simbólica e social. Essa concepção dialoga com Teun Van Dijk (2008), que compreende o discurso como prática de poder e enfatiza o papel das estruturas cognitivas e ideológicas na reprodução do racismo.

De modo semelhante, Ruth Wodak (2004) diz que:

A ACD pode ser definida como campo fundamentalmente interessado em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestes na linguagem. Em outras palavras, a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou do discurso). (Wodak, 2004, p. 225).

Wodak (2004) destaca que a ACD vai além da simples descrição da linguagem, ela busca desvendar as relações de poder e desigualdade social que se manifestam no discurso. Ou seja, ela pode reproduzir ideologias, legitimar dominações e naturalizar práticas discriminatórias.

Fairclough (2001) propõe uma análise que articula três dimensões inter relacionadas, que ele chama de "concepção tridimensional do discurso" (p. 101), que seria o texto, a prática discursiva e a prática social. Essa abordagem é útil para compreender como os discursos hegemônicos, e como a branquitude são naturalizados e reproduzidos em espaços midiáticos como o *Instagram*, mas também como podem ser tensionados e transformados por discursos contra-hegemônicos.

Segundo Fairclough (2001), o texto envolve a análise linguística detalhada do conteúdo textual, incluindo vocabulário, estrutura gramatical, coesão e coerência. Na prática discursiva se refere aos processos de produção, distribuição e consumo dos textos, considerando como os textos são produzidos e interpretados dentro de contextos sociais específicos. Já a prática social envolve a análise das condições sociais e culturais mais amplas que influenciam e são influenciadas pelo discurso.

Neste trabalho, será dada ênfase à prática social, ou seja, ao modo como os discursos são produzidos nas tirinhas da página *Preta Ilustre* no *Instagram*, e a

forma como se articulam com prática social mais ampla, especialmente aquelas relacionadas às estruturas raciais e à ideologia da branquitude. A escolha pela prática social como eixo central da análise permite evidenciar como os discursos da página *Preta Ilustre* não apenas refletem uma realidade social, mas também intervêm nela, desnaturalizando privilégios e contribuindo para a construção de novas narrativas.

Na perspectiva faircloughiana, os discursos hegemônicos, como aqueles que naturalizam a branquitude, tendem a se apresentar como neutros ou comuns, ocultando os interesses e ideologias que os sustentam. Fairclough afirma:

As hegemonias em organizações e instituições particulares, e o nível societário, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso. Além disso, pode ser considerada a estruturação de práticas discursivas em modos particulares nas ordens de discurso, nas quais se naturaliza e ganha ampla aceitação, como uma forma de hegemonia (especificamente cultural). (Fairclough, 2001, p. 28)

O autor destaca que a hegemonia não é algo fixo ou incontestável, mas sim um processo dinâmico que ocorre dentro das organizações, instituições e na sociedade em geral. O discurso, nesse sentido, não apenas reflete a realidade social, mas também a constrói, já que é nele que as relações de poder são constantemente negociadas, desafiadas e transformadas. Fairclough chama a atenção para o processo de naturalização que o discurso a princípio, são apenas uma entre várias maneiras possíveis de organizar a realidade passam a ser vistos como “naturais” ou “comuns” por meio da repetição e da aceitação social. A função da análise crítica, portanto, é desnaturalizar esses discursos, evidenciar suas bases ideológicas e apontar como podem ser resistidos e transformados.

Dessa forma, a ACD fornece ferramentas teóricas e metodológicas fundamentais para esta pesquisa, ao permitir uma leitura crítica das formas como a branquitude é performada e naturalizada no *Instagram*, bem como das estratégias discursivas utilizadas pela página *Preta Ilustre* para confrontar essas estruturas simbólicas de poder.

3.2 Branquitude como estrutura de poder: conceitos e implicações

A branquitude enquanto categoria analítica, vem ganhando destaque nos estudos das relações raciais por permitir o deslocamento do olhar da negritude para o sujeito branco, historicamente tomado como universal e neutro. Para Cida Bento (2022):

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (Bento, 2022, p.11-12)

Esse trecho descreve como a branquitude opera por meio de um pacto narcísico de privilégios, sustentado por mecanismos simbólicos e materiais que mantêm a hierarquia racial. Trata-se de uma posição de poder que se esconde na normalização da identidade branca como padrão social, cultural e estético, e que funciona como parâmetro de pertencimento e valor.

No contexto brasileiro, essa estrutura se manifesta de forma particular,

articulando-se com a ideologia da democracia racial, que mascara os privilégios da branquitude e dificulta o reconhecimento do racismo institucional. “No cotidiano brasileiro esses temas ainda constituem um tabu, já que o racismo brasileiro revela a faceta contraditória deste discurso, que sedimenta e estrutura não só de desigualdades socioeconômicas, mas simbólicas e culturais, relativas à população não branca do Brasil,” (Schucman, 2012, p. 13-14). A autora aponta que o silenciamento da identidade branca e a recusa do conhecimento do próprio lugar de privilégio são estratégias eficazes de reprodução da desigualdade racial. Dessa forma:

O branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é também produtor ativo dessa estrutura, através dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento. Esses mecanismos de produção de desigualdades raciais foram construídos de tal forma que asseguraram aos brancos a ocupação de posições mais altas na hierarquia social, sem que isso fosse encarado como privilégio de raça. (Schucman, 2012, p. 14)

Schucman ressalta que os brancos não só ocupam posições de vantagem nessa estrutura racializada, mas também são agentes ativos na produção e reprodução do racismo. Isso se dá por meio de práticas de discriminação direta e da formulação de discurso ideológicos, como a ideia da democracia racial e do branqueamento. Ela também denuncia como os mecanismos de produção de desigualdades raciais foram historicamente construídos para garantir a ocupação de posições de poder e prestígio pela população branca. Esse processo se torna ainda mais insidioso porque não é percebido como privilégio racial, mas como algo “natural”, reforçando a negação do racismo institucional. Como vemos a seguir:

No cotidiano brasileiro esses temas ainda constituem um tabu, já que o racismo brasileiro revela a faceta contraditória deste discurso, que sedimenta e estrutura não só de desigualdades socioeconômicas, mas simbólicas e culturais, relativas à população não branca do Brasil. (Schucman, 2012, p. 13-14)

Assim, a branquitude não precisa se afirmar para exercer domínio, ela opera por meio da ausência e da invisibilidade, mantendo-se como norma, como padrão de humanidade e de valor. A neutralidade da branquitude é, portanto, um artefato discursivo e político que permite sua permanência incontestada.

Nesse mesmo sentido, Conceição (2020) enfatiza que a branquitude no Brasil opera de maneira estratégica para se preservar enquanto estrutura dominante e, ao mesmo tempo, se manter fora do foco do debate racial. O autor demonstra que os sujeitos brancos frequentemente se percebem como desracializados, o que reforça sua posição de poder simbólico. Conceição afirma:

Os estudos contemporâneos da branquitude têm convencionado concebê-la como fenômeno histórico, de caráter interseccional e relacional em sociedades marcadas por desigualdades raciais e sociais advindas do colonialismo ou do imperialismo [...]. A branquitude seria, ainda, um lugar estrutural de vantagem e de privilégios “raciais” baseados em práticas e identidades culturais, não necessariamente marcadas ou fixas, mas nas quais a brancura é estabelecida como valor simbólico e material. Nesse lugar, poderíamos observar a brancura agir *por meio das* e *nas* relações de poder, produzindo dessa forma violências sociais e epistemológicas permanentes. (Conceição, 2020, p. 23)

A branquitude é, para ele, uma estrutura também de poder que se formou historicamente através do colonialismo e do imperialismo. Ele aponta que a branquitude se manifesta como um lugar de privilégio racial que organiza práticas sociais e culturais, reforçando desigualdades e opressões que se perpetuam nas relações de poder. Essa perspectiva é importante porque nos faz entender que o racismo não é apenas individual, mas algo que estrutura a sociedade como um todo, afetando até a forma como o conhecimento é produzido e reconhecido.

O conceito de branquitude, portanto, não se refere apenas à cor da pele, mas a uma posição social historicamente construída e mantida por relações de poder. Estudar a branquitude é essencial para desestabilizar estruturas racistas, evidenciar privilégios naturalizados e compreender as formas como ela é performada nos espaços sociais, inclusive nos digitais.

Assim, as contribuições de Cida Bento (2022), Schucman (2012) e Conceição (2020) convergem para a ideia de que a branquitude não é apenas uma identidade individual, mas um sistema de poder articulado historicamente, culturalmente e institucionalmente. Esse sistema estrutura as relações sociais e produz subjetividades racializadas que sustentam o racismo institucional. Compreender a branquitude como estrutura de poder é, portanto, essencial para desnaturalizar as desigualdades raciais e construir estratégias efetivas de enfrentamento ao racismo.

3.3 A branquitude no *Instagram* e a tirinha como espaço de naturalização, tensão e letramento digital

O *Instagram* faz parte do cotidiano de milhões de pessoas e influencia diretamente como pensamos, nos comunicamos e nos relacionamos com o mundo. Ele se destaca como um espaço em que imagens e discursos circulam de forma rápida e intensa, moldando ideias sobre beleza, identidade e pertencimento. Nesse ambiente, a branquitude muitas vezes aparece como algo natural, como se fosse o padrão de referência para todos.

Pensar nesse processo, contudo, exige considerar o papel do letramento digital. Assim, ao abordar sobre letramento digital temos o que segundo Antonio Xavier (2011), vem conceituar em seu sentido mais amplo:

Consideramos o conceito de letramento digital em seu sentido amplo. Enquanto tal, ele significa o domínio pelo indivíduo de funções e ações necessárias à utilização eficiente e rápida de equipamentos dotados de tecnologia digital, tais como computadores pessoais, telefones celulares, caixas-eletrônicos de banco, tocadores e gravadores digitais, manuseio de filmadoras e afins. O letrado digital exige do sujeito modos específicos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais. Ele utiliza com facilidade os recursos expressivos como imagens, desenhos, vídeos para interagir com outros sujeitos. (Xavier, 2011, p. 6).

O autor está mostrando que o letramento digital não se limita apenas a saber usar um computador, mas envolve uma série de práticas e habilidades mais amplas. Ele fala sobre o domínio das tecnologias digitais em geral, e destaca que, além da parte técnica, existe também uma dimensão discursiva e comunicacional.

Uma outra concepção do letramento digital, segundo Moreira (2012), é que ele vai além do simples uso de ferramentas digitais, mas o que “precisa-se, nesse caso, indagar o porquê de se fazer uma busca na web, ou seja, saber qual a finalidade dessa informação para a vida a fim de promover a aquisição de um (novo)

conhecimento.” (Moreira, 2012, p. 3). Ou seja, o letramento digital deve ser entendido como uma prática social que ultrapassa o simples domínio de ferramentas tecnológicas, já que envolve modos de produção, circulação e interpretação de sentidos no ambiente digital.

As publicações analisadas pertencem ao gênero discursivo tirinha, tradicionalmente associado ao humor, à crítica social e à circulação em suportes impressos, mas que no ambiente digital, passa por ressignificações. No *Instagram*, a tirinha se configura como um gênero multimodal, articulando linguagem verbal e visual, além de recursos próprios da plataforma, como legenda, enquadramento e compartilhamento. Essa adaptação amplia seu alcance e potencial discursivo, permitindo que temas como racismo, branquitude e desigualdades sociais sejam abordados de forma acessível, crítica e provocadora. Assim, a tirinha enquanto gênero, não apenas entretém, mas atua como prática social que mobiliza sentidos, posicionamentos e disputas simbólicas no espaço digital.

Marcuschi (2008), compreende os gêneros textuais como formas relativamente estáveis de enunciados que emergem das práticas sociais e comunicativas do cotidiano. Para o autor, os gêneros não são estruturas fixas ou meramente formais, mas instrumentos dinâmicos de interação social, que se transformam conforme as necessidades históricas, culturais e comunicativas dos sujeitos. Essa perspectiva é fundamental para esta pesquisa, pois permite compreender a tirinha não apenas como um texto breve ou humorístico, mas como um gênero que cumpre funções sociais específicas. Ao circular em redes sociais como o *Instagram*, a tirinha se ressignifica, mantendo características estruturais do gênero, mas adaptando-se a novos suportes e contextos de interação, o que reforça seu caráter social e discursivo.

Nesse sentido, analisar as tirinhas da página *Preta Ilustre* não significa apenas observar conteúdos visuais, mas reconhecer como elas mobilizam recursos multimodais e discursivos dentro do *Instagram*, desafiando a naturalização da branquitude. O letramento digital, portanto, é fundamental, pois permite ler criticamente tais produções e identificar de que modo a plataforma pode tanto reforçar privilégios brancos quanto abrir espaço para narrativas contra-hegemônicas.

As tirinhas criadas pela página *Preta Ilustre* representam esse movimento de resistência. Ao ressaltar a cultura negra e denunciar práticas racistas, elas transformam a experiência de leitura digital em um exercício de consciência crítica, chamando a atenção para desigualdades que muitas vezes passam despercebidas. Assim, o *Instagram*, quando lido a partir de práticas de letramento digital, revela-se como espaço ambíguo: de naturalização da branquitude, mas também de disputa por representações, sentidos e visibilidades.

4 NATURALIZAÇÃO DA BRANQUITUDE NOS CONTEÚDOS DA PÁGINA PRETA ILUSTRE

Nesta seção, apresento a análise das tirinhas selecionadas da página *Preta Ilustre*, fundamentada na ACD, conforme a abordagem tridimensional proposta por Norman Fairclough (2001). A análise focaliza na dimensão da prática social, que busca compreender como os discursos sobre a branquitude se articulam com as estruturas sociais, especialmente no contexto das redes digitais.

A pesquisa parte da premissa de que a branquitude, enquanto posição de poder simbólico e estrutural, é frequentemente naturalizada nos discursos digitais,

tornando-se invisível como marcador racial. Ao investigar os conteúdos da página *Preta Ilustre*, busca-se identificar como essa naturalização é desafiada por meio de estratégias discursivas que tensionam a centralidade branca e promovem narrativas alternativas sobre identidade racial, pertencimento e resistência.

Nesse sentido, a análise visa revelar as dinâmicas de poder que permeiam os discursos reproduzidos pela página, evidenciando como ela se posiciona criticamente frente à hegemonia da branquitude. Ao fazer isso, a página contribui para a construção de um espaço discursivo que valoriza a diversidade racial e questiona os padrões normativos de representação.

Através da ACD, é possível compreender como os discursos das tirinhas dialogam com práticas sociais mais amplas, como o racismo institucional, a exclusão simbólica e a luta por reconhecimento. Considera-se o papel das redes sociais como arenas de disputa simbólica, onde vozes historicamente marginalizadas encontram meios de expressão e visibilidade. Assim, a página *Preta Ilustre* emerge como um exemplo significativo de resistência discursiva, que desafia a naturalização da branquitude.

4.1 Contextualização teórica da análise

Na perspectiva de Fairclough (2001), o discurso é compreendido como uma prática social que contribui para a constituição das identidades, das relações e dos sistemas de crença. A dimensão da prática social considera o contexto histórico, ideológico e institucional no qual o texto é produzido, interpretado e circula, nesse caso, no ambiente digital do *Instagram*, espaço de disputa simbólica e circulação de sentidos sobre raça e poder.

As tirinhas analisadas funcionam como contra-discursos, pois deslocam sentidos estabilizados pela branquitude, questionando o lugar do ser branco como norma social e cultural. Assim, a *Preta Ilustre* não apenas representa experiências negras, mas reconfigura as relações discursivas, tensionando a hegemonia branca que estrutura o imaginário racial brasileiro.

Dessa forma, buscamos analisar as representações introduzidas diante das postagens do *Instagram* que tensionam a branquitude através da ACD no nível da prática social. Assim, a análise das tirinhas da *Preta Ilustre* no *Instagram* torna-se uma oportunidade de investigar como a linguagem pode ser mobilizada para desafiar estruturas racistas e promover uma rearticulação das identidades negras no espaço público digital.

4.2 Análise crítica das tirinhas selecionadas

Nesta subseção, serão apresentados e analisados os discursos das tirinhas selecionadas da página *Preta Ilustre*. O foco da análise está nas estratégias discursivas utilizadas, com o objetivo de identificar como os conteúdos reforçam ou questionam a branquitude como norma social no *Instagram*, evidenciando relações de poder e ideologia em consonância com os princípios da ACD.

Tirinha 1:



Fonte: @pretailustre (Instagram, 2020).

Nesta tirinha, uma mulher negra é abordada por uma mulher branca em uma loja e questionada se “trabalha ali”. A personagem negra responde ironicamente: “Engraçado, já ia te perguntar a mesma coisa!”, o que provoca indignação na interlocutora branca, que a chama de “desaforada”.

A situação representada reflete práticas sociais sustentadas por uma ordem discursiva racializada, em que os corpos negros são historicamente associados a posições de subordinação e serviço, como afirma Cida Bento (2022, p. 43), “o que mantém um imaginário que favorece sua permanência em lugares da sociedade considerados mais prestigiados, bem como propicia a naturalização de outros grupos em posições de subordinação e desqualificação”. Essa naturalização do imaginário racializado é o que permite a reprodução do racismo institucional no cotidiano. A fala da mulher branca não é um ato isolado, mas a manifestação cotidiana de uma ideologia racista que naturaliza a branquitude como norma e legitima desigualdades sociais.

Ao presumir que a mulher negra é funcionária da loja, o discurso da personagem branca reforça o lugar social de inferioridade atribuído às pessoas negras e evidencia a reprodução simbólica do racismo institucional. “O racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado”. (Cida Bento, p. 43). A presunção da personagem branca, portanto, se enquadra nessa prática aparentemente neutra, mas que é, na verdade, um mecanismo de manutenção da estrutura social discriminatória.

Sob a ótica da prática social, a tirinha explicita como o discurso participa da manutenção das relações de poder entre branquitude e negritude. Segundo Fairclough (2001, p. 94), “O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma, os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”. A relação da mulher negra, por meio da ironia, rompe momentaneamente essa hierarquia, operando como um gesto de resistência discursiva que desestabiliza o padrão dominante. Essa resposta desloca o lugar de fala historicamente imposto à mulher negra, transformando um episódio de discriminação em um ato de reafirmação identitária e de contestação simbólica.

O humor presente na tirinha também atua como estratégia política, permitindo denunciar práticas racistas sem recorrer ao confronto direto, o que amplia

o alcance da crítica social. Assim, a narrativa se insere em uma prática discursiva mais ampla de enfrentamento ao racismo, na qual a representação de personagens negras em posição de agência e consciência crítica contribui para reconfigurar as formas de ver e compreender a branquitude e suas práticas de poder.

Tirinha 2:



Fonte: @pretailustre (Instagram, 2020).

A segunda tirinha mostra uma mulher negra que recebe uma paciente branca. Ao perceber que ela é a dentista, a mulher branca reage dizendo: “Ah... é que você não tem cara de dentista...”, ao que a profissional responde: “E você não tem cara de racista!”.

O diálogo revela o funcionamento da branquitude como parâmetro de competência e autoridade. “Deparar-se com pessoas negras em posição de liderança. Isso desafia a autoridade branca”, (Cida Bento, 2022, p. 61). O comentário “não tem cara de dentista” expressa uma ideologia racial que associa profissões de prestígio e status social a corpos brancos, reforçando a exclusão simbólica da mulher negra dos espaços de poder e conhecimento. Trata-se de um enunciado aparentemente inofensivo, mas que carrega em si a herança de uma estrutura colonial, na qual o sujeito branco foi historicamente posicionado como detentor do saber, da racionalidade e do direito de ocupar espaços de prestígio, enquanto pessoas negras foram associadas à subalternidade e à servidão.

Como afirma Cida Bento (2022), “E nas estatísticas sobre desigualdades no mercado de trabalho se constata uma invariável: mulheres negras ocupam a base da pirâmide, com os menores salários e cargos mais baixos”. (p. 44). A autora revela como o mercado de trabalho reproduz desigualdades históricas, relegando mulheres negras a posições de menor prestígio, mesmo quando possuem formação e competência para ocupar cargos mais altos. Tanto a citação quanto a tirinha apontam para a urgência de desconstruir estereótipos e promover uma transformação estrutural que reconheça o protagonismo das mulheres negras em todos os espaços, inclusive nos mais prestigiados.

Na dimensão da prática social, conforme propõe Fairclough (2001), essa fala está inserida em um contexto histórico e ideológico que reproduz relações desiguais de poder. A personagem branca mobiliza um discurso que naturaliza a branquitude

como norma, situando-se inconscientemente no lugar de quem tem o poder de validar ou negar o pertencimento da mulher negra ao espaço profissional. Esse ato discursivo, portanto, não é isolado, mas parte de um padrão de práticas sociais racistas que moldam as percepções de competência e legitimidade.

A resposta da dentista, por outro lado, rompe com essa estrutura discursiva. Ao dizer “você não tem cara de racista”, a mulher negra inverte o jogo simbólico e expõe a contradição da branquitude, que frequentemente se entende como neutra, enquanto racializa o outro. Esse retorno discursivo constitui um ato de resistência que desestabiliza a lógica hierárquica e reafirma a agência da mulher negra como sujeito de fala e de poder.

Além disso, a tirinha provoca uma reflexão crítica sobre como o racismo se manifesta por meio de sutilezas e expressões cotidianas, mostrando que a violência simbólica também é um instrumento de manutenção da hegemonia branca. Nesse sentido, “Deve-se ressaltar que o poder não apenas aparece como ‘nos’ ou ‘por meio dos’ discursos, mas também que é relevante como força societal ‘por detrás’ dos discursos”. (Van Dijk, 2008, p. 44). A ironia da resposta da dentista torna visível o racismo que se disfarça de opinião ou ingenuidade, revelando como a branquitude opera através da sutileza e da negação de sua própria racialidade.

Essa tirinha se conecta diretamente à pergunta de pesquisa ao evidenciar como os conteúdos da página *Preta Ilustre* questionam a centralidade da branquitude e desconstruem o imaginário social que associa autoridade e conhecimento a corpos brancos. Ao representar uma mulher negra em posição de autoridade, a tirinha reconfigura o espaço simbólico da profissão e rompe com os estereótipos raciais.

Tirinha 3:



Fonte: @pretailustre (Instagram, 2020).

Na terceira tirinha, um homem branco afirma que sua empresa é “antirracista”, mas, ao ser questionado sobre ações concretas, como palestras, processos seletivos para negros ou políticas afirmativas, revela que a única iniciativa é publicar

a hashtag *#VidasNegrasImportam* no *Instagram*.

Segundo Cida Bento (2022), “Esse é um ponto importante a ser debatido para entender e distinguir quando e como um discurso contra o racismo pode se transformar verdadeiramente numa prática antirracista”. (p. 37). O que não acontece com essa empresa. Esse enunciado evidencia a performatividade do discurso antirracista, frequentemente esvaziado de compromisso prático. No nível da prática social, a tirinha critica a mercantilização da luta racial e a apropriação simbólica da pauta negra por instituições brancas como estratégia de imagem e marketing. Essa representação dialoga com o contexto mais amplo das relações sociais e raciais no Brasil, em que a branquitude se mantém como sujeito central, legitimando-se por meio de gestos superficiais de inclusão. Ou seja, ironiza a branquitude.

A página *Preta Ilustre* denuncia, assim, o funcionamento ideológico da branquitude institucional, que se preserva como norma ao mesmo tempo em que mantém as estruturas racistas intactas. A crítica exposta na tirinha revela a dimensão discursiva das relações de poder, mostrando como a linguagem e as práticas comunicacionais corporativas são usadas para mascarar desigualdades sob o discurso da diversidade. Fairclough (2001) destaca que o discurso é central na reprodução de relações de dominação, servindo para naturalizar ideologias hegemônicas e tornar opacas as desigualdades. Ao expor a contradição entre discurso e prática, a tirinha questiona o lugar social da branquitude e evidencia como luta antirracista é, muitas vezes, apropriada por interesses hegemônicos para manter a ordem social vigente.

Tirinha 4



Fonte: @pretailustre (Instagram, 2020).

A tirinha apresenta uma situação de entrevista de emprego em que uma recrutadora branca rejeita repetidamente mulheres negras com justificativas ligadas à aparência física, ao cabelo e ao tom de pele. Em cada quadro, a personagem branca diz que a candidata “não é bem o que procuram”, sugerindo que, se fosse “menos cheinha”, tivesse o cabelo “mais arrumado” ou fosse “mais clarinha”, talvez fosse escolhida. No último quadro, a entrevistadora demonstra satisfação ao encontrar uma mulher branca, afirmando que ela tem “exatamente o perfil da

empresa”. A sequência evidencia o racismo velado presente nas relações de trabalho e a naturalização da branquitude como padrão de adequação profissional.

Como afirma Schucman (2012), “Ainda que todas as evidências apontem o racismo como explicação para as desigualdades raciais, o racismo brasileiro tem a especialidade de, em maior ou menor grau, ser velado e sutil.” (Schucman, 2012, p. 43). Ao afirmar que o racismo brasileiro é velado e sutil, a autora destaca um traço marcante da estrutura social do país, a negação da existência do racismo, mesmo diante de evidências concretas de desigualdade racial. Essa sutileza contribui para a perpetuação de práticas discriminatórias que se escondem sob discursos de meritocracia, neutralidade e profissionalismo, mas que, na prática, reforçam a branquitude como referência de competência e adequação. Assim, o racismo não precisa ser explícito para ser eficaz, ele opera silenciosamente, moldando oportunidades, acessos e reconhecimentos de forma desigual.

No nível da prática social, a tirinha mostra como o racismo se manifesta de maneira velada nas relações de trabalho, especialmente nos processos seletivos. De acordo com Fairclough (2001), os discursos são práticas sociais que tanto reflete quanto produzem e reproduzem estruturas de poder. Nesse sentido, a tirinha representa um discurso socialmente compartilhado que reforça a exclusão da mulher negra de espaços valorizados no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que legitima a branquitude como parâmetro de neutralidade e adequação. Assim, a tirinha funciona como um recurso crítico para desvelar relações de poder que operam sob o disfarce da “boa aparência” e da “postura profissional”.

A fala da recrutadora revela a permanência de um imaginário racial em que o corpo negro é lido como inadequado, excessivo ou desordenado. Essa representação está diretamente ligada ao que Cida Bento (2022), denomina de pacto narcísico da branquitude, porque, como a própria autora afirma: “[...]possibilita que uma parcela de profissionais do Judiciário proteja seus ‘iguais’ e fortaleça líderes que pregam a violência sempre contra os considerados ‘não iguais’ — essa é uma das grandes características do pacto narcísico.” (Cida Bento, 2022, p. 27). A insistência em critérios estéticos como “menos cheinha”, “cabelo mais arrumado”, “mais clarinha”, mostra como o padrão de aceitabilidade social e estética é estabelecido pela branquitude, servindo como um mecanismo prático para manter e reproduzir essa proteção aos “iguais” e o afastamento dos “não iguais”. Assim, a branquitude sustenta um sistema de exclusão que é apresentado como natural e inevitável, o que chamamos de apagamento dos traços negróides.

Além disso, a tirinha denuncia o que Schucman (2012), descreve como o processo de branqueamento simbólico, no qual a aproximação do sujeito negro aos padrões brancos é vista como requisito de inserção e reconhecimento social. A mensagem implícita é que, para ser aceita, a mulher negra precisaria modificar-se, apagando marcas de sua identidade. Essa lógica evidencia o funcionamento cotidiano do racismo institucional, que opera não por meio de insultos diretos, mas por mecanismos sutis de desvalorização e desqualificação.

Segundo Van Dijk (2008), “O indivíduo, por sua vez, reage com a absorção de preconceitos, mas sem se declarar racista. É útil não se reconhecer como tal para ser um ‘cidadão decente’.” (Van Dijk, 2008, p. 160). A citação revela um dos mecanismos mais sofisticados do racismo contemporâneo, que seria a negação da própria identidade racista como forma de preservar uma imagem socialmente aceitável. Essa estratégia discursiva permite que práticas discriminatórias sejam perpetuadas sob uma aparência de neutralidade, dificultando seu reconhecimento e enfrentamento. A tirinha nos mostra como esse tipo de discurso atua para manter

desigualdades raciais sob a aparência de critérios objetivos, por meio de justificativas aparentemente racionais que naturalizam essa desigualdade.

Portanto, ao expor a normalização do racismo nas instituições e nas relações de trabalho. A página *Preta Ilustre*, ao ilustrar essa dinâmica, convida à reflexão sobre como discursos considerados neutros ou meritocráticos podem, na verdade, sustentar e reproduzir hierarquias raciais no cotidiano.

Tirinha 5



@pretailustre (Instagram, 2020).

Na tirinha 5, uma mulher negra está tomando uma bebida quando um homem branco se aproxima e diz: “Nossa, que morena...”. A personagem o interrompe e o corrige afirmando: “Morena não, preta.” Mesmo após a correção, ele continua uma fala sexualizada: “Dizem que vocês são mais quentes, né?”. Diante disso, a mulher reage ironicamente, jogando água no homem e perguntando: “Melhorou?”. A sequência de falas revela um discurso racista e sexista travestido de elogio, que reduz a mulher negra a um estereótipo hipersexualizado, enquanto a reação da personagem funciona como forma de resistência e inversão simbólica de poder.

A partir da ACD proposta por Fairclough (2001), é possível compreender que o discurso não apenas reflete as relações sociais, mas as produz e transformam. Nesse sentido, a tirinha representa um espaço de disputa de significados em que se confrontam práticas discursivas historicamente naturalizadas. O homem reproduz uma prática social marcada pela branquitude e pelo sexismo, evidenciando um comportamento que se sustenta em ideologias de dominação e objetificação do corpo negro. Como afirma Schucman (2012), “[...] corpos negros, são carregadas de significações ora positivas, ora negativas mas, no entanto, aprisionadoras como a ‘angelical’ e ‘casta’ mulher branca, a ‘super sexualizada’ mulher negra e o ‘viril homem negro’”. (Schucman, 2012, p. 91) Dessa forma, o aprisionamento da mulher negra como objeto sexualizado está marcado socialmente por uma visão hegemônica.

Assim, ao descrever as mulheres negras como “mais quentes” na tirinha, vemos a marcação de um discurso repleto de valores naturalizados e sexualizados, que retificam o poder da branquitude perante o corpo negro, que é estereotipado. A ação da personagem feminina mostra seu desconforto com o discurso que está sendo propagado pelo homem branco, o que reafirma a luta pela desconfiguração do pensamento centrado na objetificação da mulher negra.

Segundo Cida Bento (2022), a branquitude se constitui como um lugar de privilégio e de poder simbólico, a partir do qual o sujeito branco se coloca como referência universal, definindo e classificando o outro. Esse processo é visível na tirinha, quando o homem branco se sente autorizado a nomear a mulher negra de “morena”, vemos uma tentativa de suavizar a negritude e mantê-la dentro de padrões aceitáveis ao olhar branco. Schucman (2012) e Conceição (2020) ressaltam que essa dinâmica é sustentada por um imaginário racial hierarquizado, no qual a identidade branca é construída em oposição à negra, e que a mulher negra é frequentemente associada à sensualidade e à erotização.

Nesse contexto, a teoria do colorismo contribui para aprofundar a análise, uma vez que evidencia como a hierarquização racial também opera a partir das variações do tom de pele dentro do próprio grupo negro. Conforme formulado por Walker (1983), o colorismo consiste na valorização social de pessoas negras de pele mais escura, reduzindo critérios de aceitabilidade pautados na proximidade com a branquitude. Na tirinha analisada, o uso do termo “morena” pode ser compreendido como uma estratégia discursiva que suaviza a negritude, buscando enquadrar o corpo da mulher negra em um padrão menos ameaçador ao olhar branco.

No nível da prática social, conforme propõe Fairclough (2001), a tirinha expõe as relações de poder racial e de gênero que atravessam o cotidiano e são reproduzidas por meio da linguagem. Ao reagir com ironia, a personagem rompe com a passividade e desafia a estrutura simbólica da branquitude, desestabilizando o poder discursivo masculino e branco. Portanto, a produção da página *Preta Ilustre* contribui para a construção de novas representações sociais, na qual a atitude da mulher negra atua como forma de resistência e transformação das práticas sociais.

4.3 A construção da branquitude nos discursos analisados

As cinco tirinhas analisadas demonstram como a *Preta Ilustre* utiliza o humor, a ironia e a crítica social como estratégias discursivas de resistência simbólica, ao tensionar os discursos hegemônicos da branquitude e desestabilizar as hierarquias raciais nas práticas sociais. As representações analisadas revelam como o racismo é reproduzido de forma naturalizada nas interações cotidianas, nos espaços institucionais e nos padrões de beleza e comportamento impostos pela branquitude.

A tirinha 1 evidencia as práticas racistas que sustentam a exclusão cotidiana de corpos negros; A tirinha 2 revela o funcionamento do imaginário racial nas relações de profissionais e o deslocamento da branquitude como norma de autoridade; A tirinha 3 expõe a superficialidade do discurso institucional branco e o uso simbólico do antirracismo como capital moral; A tirinha 4 evidencia como a exclusão racial é mascarada por discursos de neutralidade e meritocracia, em que a branquitude é tomada como parâmetro de adequação e competência profissional; Já a tirinha 5 explicita a hiperssexualização da mulher negra, ao denunciar estereótipos que reduzem sua identidade à sensualidade, evidenciando a forma como o corpo negro é constantemente objetificado e racializado nas interações sociais.

Dessa forma, os conteúdos da página *Preta Ilustre* questionam a centralidade da branquitude, promovem novas narrativas discursivas sobre identidade racial e contribuem para a desconstrução de discursos hegemônicos ao oferecer representações alternativas e críticas das relações de poder. Assim, como Fairclough (2001), argumenta que a ideologia frequentemente atua de maneira oculta, normalizando relações de poder e desigualdade no discurso cotidiano. Com

isto, essas ideologias passam a ser quebradas e vistas por uma nova visão centrada na sua desconfiguração do discurso.

Essas tirinhas funcionam, portanto, como práticas discursivas transformadoras, que não apenas denunciam, mas também ressignificam modos de existência e resistência negra no espaço digital. Para isso, o quadro a seguir organiza as evidências discursivas identificadas, os sentidos produzidos e suas implicações ideológicas.

Quadro 1 - Principais evidências discursivas em tirinhas da página *Preta Ilustre*

Tirinhas	Evidências discursivas	Sentidos produzidos	Relação com a branquitude e o poder
Tirinha 1	Situação de confusão racial; pressuposição de que pessoas negras ocupam posições de serviço.	Exposição do racismo cotidiano e do lugar social atribuído à pessoa negra.	Reforça a naturalização da branquitude como sujeito de prestígio e autoridade, e da negritude como subalterna
Tirinha 2	Questionamento da competência e da legitimidade da mulher negra em posição de destaque.	Denúncia do racismo institucional e da exclusão simbólica em espaços de poder.	Revela como a branquitude opera como padrão de referência, associando sucesso e intelectualidade ao sujeito branco
Tirinha 3	Contradição entre discurso e prática; uso de um discurso “politicamente correto” vazio.	Crítica à superficialidade das políticas de diversidade.	Mostra como a branquitude se reconfigura para manter o poder simbólico, mesmo sob o discurso de inclusão.
Tirinha 4	Expressões como “menos cheinha”, “cabelo mais arrumado” e “mais clarinha” revelam exclusão racial disfarçada de critério profissional.	Denúncia ao racismo institucional e a falsa ideia de neutralidade e meritocracia.	A branquitude é representada como o padrão de normalidade e competência; o poder se manifesta na naturalização dos privilégios brancos e na exclusão simbólica das mulheres negras.
Tirinha 5	Expressões como “morena”, “vocês são mais quentes” revelam estereótipos raciais e sexuais dirigidos à mulher negra.	O discurso reforça a hiperssexualização da mulher negra, reduzindo sua identidade à aparência e à sensualidade.	A branquitude aparece como lugar que define e controla os sentidos atribuídos ao corpo negro, exercendo poder simbólico por meio da linguagem.

Fonte: elaboração própria (2025).

O Quadro 1 sintetiza as principais evidências discursivas observadas nas tirinhas analisadas, destacando como a linguagem atua na produção e reprodução

de sentidos relacionados à branquitude. Em cada representação, percebe-se a exposição de diferentes níveis de manifestação do racismo: cotidiano, simbólico e institucional. Assim, as práticas discursivas analisadas revelam como a branquitude se sustenta e se reafirma por meio da linguagem e, ao mesmo tempo, como o humor e a ironia são utilizados pela página *Preta Ilustre* como estratégias de resistência e desconstrução das hierarquias raciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das tirinhas da página *Preta Ilustre*, fundamentada nos pressupostos da ACD de Norman Fairclough (2001), permitiu compreender como o discurso digital pode funcionar como espaço de disputa simbólica e reconfiguração das relações de poder que estruturam a sociedade. Por meio das tirinhas selecionadas, observou-se a construção de um discurso que tensiona a naturalização da branquitude e denuncia os mecanismos discursivos e ideológicos que sustentam sua centralidade como referência de poder e de humanidade.

Em resposta à problemática proposta: como a naturalização da branquitude nas postagens do *Instagram* reproduz dinâmicas de poder e exclusão por meio de discursos que reforçam hierarquias raciais? O estudo demonstrou que a branquitude se manifesta, muitas vezes, de forma sutil e disfarçada, por meio de estratégias discursivas que aparentam neutralidade ou antirracismo, mas que, na prática, mantêm intactas as estruturas de privilégio racial. As tirinhas analisadas evidenciam que o discurso antirracista, quando esvaziado de ação concreta, torna-se uma performance simbólica que reforça o lugar de poder das instituições e sujeitos brancos.

No que diz respeito à segunda questão: de que maneira os conteúdos da página *Preta Ilustre* questionam a centralidade da branquitude e promovem novas narrativas discursivas na plataforma? Verificou-se que a página atua como um espaço de resistência discursiva. Por meio da ironia, da crítica social e da reinterpretação de situações cotidianas, a *Preta Ilustre* desloca o olhar hegemônico, visibilizando experiências e vozes negras historicamente marginalizadas. Esse movimento discursivo contribui para a formação de uma consciência crítica nos usuários do *Instagram*, ao mesmo tempo em que propõe novas formas de representação identitária e de enfrentamento das práticas racistas naturalizadas.

Por fim, ao responder à terceira pergunta: quais as relações de poder empreendidas nos discursos presentes nas tirinhas da página *Preta Ilustre*? Compreende-se que as produções da página evidenciam o entrelaçamento entre linguagem, poder e ideologia. As tirinhas revelam que o discurso é um campo de disputa no qual diferentes formações ideológicas se enfrentam: de um lado, a manutenção da branquitude como estrutura dominante; de outro, o esforço contra-hegemônico de reconfigurar sentidos e afirmar a negritude como sujeito político e discursivo.

Dessa forma, conclui-se que a *Preta Ilustre* desempenha um papel significativo na desestabilização de discursos racistas e na construção de uma prática discursiva crítica e emancipatória dentro do espaço digital. Suas postagens funcionam como formas de resistência simbólica que não apenas expõem a branquitude, mas também contribuem para a (re)significação das identidades negras e para a ampliação do debate sobre racismo no ambiente online.

REFERÊNCIAS

AGUIÃO, Silvia. **Desmonte de políticas públicas no governo Bolsonaro: políticas para mulheres, igualdade racial e LGBTQIA+ em perspectiva comparada**. SciELO Brasil.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude: Dilema racial brasileiro**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. 92 pp

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOREIRA, Carla. **Letramento digital: do conceito à prática**. Anais do SIELP. V. 2, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2012.

PRETA ILUSTRE. [@pretailustre]. Tirinhas publicadas no Instagram. 2020. Disponível em <https://www.instagram.com/pretailustre/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: Para alunos dos cursos de graduação e pós graduação**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: USP. Acesso em: 15 de maio de 2025.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. Trad. Judith Hoffnagel e Karina Falcone. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa womanista**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. [S.L.]: Scribd, 2004. Disponível em: <https://www.scribd.com>. Acesso em: 22 out. 2025.

XAVIER, Antonio Carlos. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da geração Y**. Calidoscópio. Vol. 9, n. 1, p. 3 - 14, 2011.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por iluminar meus caminhos, fortalecer minha fé e me sustentar nos momentos em que pensei não conseguir. Sem sua presença, esta jornada não teria sido possível.

Aos meus pais, Antônia e Francisco, por todo amor, dedicação e pelos valores que carregarei para sempre comigo. Às minhas irmãs, Amanda e Annelly, por serem apoio constante, incentivo diário e parte essencial da minha história.

Ao meu marido, Lucas, por todo amor, paciência e compreensão. Obrigada por estar ao meu lado em cada desafio, por celebrar cada conquista comigo e por me apoiar nos dias difíceis. Sua parceria tornou esta caminhada mais leve e possível.

Aos meus filhos, Evellyn e ao pequeno Gael, que ainda está no forninho, mas já enche minha vida de sentido. São eles que me motivam a buscar sempre o melhor e a seguir em frente, mesmo diante dos obstáculos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Anikele Frutuoso, pela paciência, pela escuta e por me orientar com tanto cuidado e compromisso, pois mesmo passando por um momento muito difícil não soltou minha mão. Sem sua dedicação, este trabalho não teria alcançado a forma que ganhou. Às professoras da banca examinadora, Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti e Profa. Dra. Carla Daniele Saraiva Bertuleza, pelas contribuições valiosas e pelo olhar sensível durante o processo de avaliação.

Aos meus amigos, que caminharam ao meu lado, acreditaram em mim e não me deixaram desistir, mesmo quando o peso parecia grande demais. A presença de vocês fez toda a diferença. A todos que direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, meu sincero muito obrigada.